

depois do museu: uma conversa sobre a exposição

- **E então, o que achou da** exposição? O que mais te marcou, qual a principal impressão que ficou depois da visita?

- Difícil dizer em uma frase! A sensação que tive é de ter pulado em um lago cujo fundo abriga um universo subaquático povoado por um montão de seres, cheio de vida. Ao mesmo tempo, é como se eu tivesse mergulhado, chegado ao fundo, visto tudo isso e tivesse sido puxada muito rapidamente de volta à superfície por uma corda presa em minhas costas. Ao voltar, a sensação que eu tinha era a de querer retornar ao fundo, ver os detalhes, me demorar mais, conhecer de fato o que estava oculto na superfície, essa pluralidade que eu pude ver muito esmaecida lá da margem. Então, eu saí de lá querendo saber mais sobre os cinco mundos! Com a sensação de que vi apenas uma pequena fresta, um pedacinho de cada mundo.

- Mas isso é bom, não é? O desejo de conhecer mais implica justamente o reconhecimento de que não se conhece! E, ainda mais,

o reconhecimento da complexidade de cada um desses mundos...

- Sim, com certeza! Acho que uma das coisas que nos fazem sentir essa vertigem ao visitar a exposição é o fato de que, no fundo, nós não indígenas no Brasil não sabemos nada sobre os povos indígenas, ou melhor, sobre os mundos indígenas, para usar a expressão que guia a proposta da exposição! Ao longo da vida a gente cresce achando que existe “o índio”, esse ser do passado, quase um ancestral nosso, que vive no mato, nas ocas, que caça, pesca... É uma visão muito estereotipada! Aprendemos que índio é tudo igual, e de repente nos deparamos com cinco mundos muito diferentes, com conhecimentos diferentes, uma riqueza enorme... imagina os outros tantos mundos indígenas além desses cinco!

- Esse estereótipo do “índio genérico” é muito forte no Brasil... Muitas pessoas não fazem ideia da diversidade linguística e sociocultural do Brasil contemporâneo... São faladas hoje no Brasil cerca de 180 línguas indígenas, num contexto de mais de 250 povos distintos!

- Poxa, você está aprendendo um bocado sobre os mundos indígenas nesse seu curso lá na universidade! Quero ir logo para lá também!

- É, mas mesmo lá na universidade, depende muito do curso e das disciplinas que você vai fazer, há pessoas que se formam sem estudar nada sobre isso. Se bem que hoje já existem muitas iniciativas dentro da universidade até mesmo com cursos em que indígenas são convidados como professores.

- Que interessante! Se bem que isso deveria ser assunto obrigatório em todos os cursos! Por que não aprendemos um pouco na escola sobre essa enorme diversidade? A gente acha que no Brasil a única língua é o português e que todos os indígenas falam tupi ou guarani... No fundo, aprendemos mais sobre a história e as línguas europeias do que sobre esse contexto tão diverso que está bem do nosso lado! Eu aposto que na minha escola aqui em Belo Horizonte muita gente nem sabe quem são os Maxakali... ou melhor, os Tikmũ'ũn, os Xakriabá e os Pataxoop. E eles vivem aqui em Minas Gerais!

- Isso resulta, em parte, de uma ideologia que historicamente teve muita força no Brasil, a ideia de que os povos indígenas deveriam ser "assimilados", ou seja, que seus mundos fossem transformados à luz e semelhança do mundo não indígena. É o velho mito das três raças, de que a população brasileira seria resultado da miscigenação de descendentes dos colonizadores europeus, dos indígenas e dos afrodescendentes. Quantas vezes não ouvimos alguém dizer no Brasil que tinha uma avó "pegada a laço"? Essa frase é de um enorme preconceito, que reduz os povos indígenas à condição de antepassados que foram subjugados pelos brancos... os mundos indígenas existem e resistem, no presente! A despeito de toda sorte de violência que sofreram ao longo da colonização, e ainda sofrem!

- Outra coisa que me chamou atenção foi o fato de que os Xakriabá e os Pataxoop falam português como primeira língua, mas o mundo deles realmente é muito diferente do nosso! Também já ouvi muito dizerem que se o indígena fala português, veste roupa e estuda da universidade, ele não é mais indígena, ele virou branco, mas não é bem assim... Vendo e ouvindo na exposição sobre os *tehêys* dos Pataxoop, ali tem um conhecimento, uma teoria sobre o surgimento do mundo, de um outro mundo! E o corpo-território Xakriabá?! A palavra "corpo" ganha outro sentido, não é a mesma coisa que um corpo é para nós brancos! Realmente, uma mesma língua manejada para significar mundos tão diferentes...

- Talvez possamos dizer que o que os diferentes povos indígenas compartilham é parte de uma mesma história que os colocou frente à invasão de seus mundos, com a chegada dos colonizadores europeus. Ainda assim, cada povo experimentou esse encontro de maneiras muito distintas! Alguns povos escolheram aproximar-se dos brancos, mas a maioria deles foram cercados violentamente, como aconteceu com muitos povos que viviam na costa brasileira. Há também os povos que optaram por distanciar-se dos brancos, em alguns casos até mesmo se dispersando em fuga, como mostra a história dos Yanomami e dos Ye'kwana, cujo contato com o mundo não indígena é bem mais recente. Para alguns destes povos, a aproximação com os brancos foi uma estratégia mesmo de sobrevivência! Despojados de suas terras, até mesmo proibidos de falar suas línguas maternas, durante muito tempo eles permaneceram deliberadamente na condição de invisibilidade. Somente após a constituição de 1988, quando passaram a ter garantido o direito de viver de acordo com seus usos e costumes e de também o acesso à demarcação de suas terras, muitos destes povos puderam voltar à cena política reivindicando seus direitos sem correr risco real de extermínio!

- Não faz sentido... Primeiro disseram aos povos indígenas que eles não podiam mais viver de maneira diferente, falando sua língua, seguindo seu modo de vida. Depois, querem exigir que indígena é só quem fala uma língua diferente e vive de outro jeito, como viviam há cinco séculos?! Eu não vivo como viviam meus avós e sou tão brasileira quanto eles eram! Se o nosso mundo mudou muito com o tempo, o deles também! Eles não vivem congelados, parados no tempo, né?

- Exatamente!

- Sobre isso que você falou dos direitos que a Constituição garante, eu ouço muito dizer que tem muita terra para pouco índio, que os indígenas atrapalham o desenvolvimento do país...

- Isso é também fruto de preconceito e desconhecimento. Veja só, a Constituição garante que eles têm o direito a viver de acordo com seus usos e costumes, não é? Portanto, o tamanho da terra deles tem que ser suficiente para que eles possam viver, tirar seu sustento da terra de acordo com seu modo de vida... Não adianta demarcar uma terra pequena, onde é que eles vão fazer suas roças? Caçar? Pescar? Coletar frutos e outras plantas? Eles vão ter que comprar comida no supermercado, como nós fazemos? E tem mais, você sabia que de acordo com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, o INCRA, 40% das grandes propriedades rurais no Brasil são improdutivas? Eles fizeram

um levantamento em 2010 de que existem 228 milhões de hectares de terra improdutivo no Brasil. Sabe qual é o tamanho das terras indígenas? Cerca de 117 milhões de hectares, mais ou menos 13% de todo o território brasileiro. Ou seja, tem mais terra improdutivo aqui do que o tamanho total de todas as terras indígenas juntas! Ao invés de tirar terras dos indígenas, é só passar a produzir nas terras já desmatadas, mas que não produzem nada, ué!

- Eu acho que precisamos mudar muito a maneira como nos relacionamos com os povos indígenas no Brasil. Isso não só com relação à garantia de seus direitos pelo estado e governos, que é super importante, mas também sobre como as pessoas de maneira geral aprendem sobre os mundos indígenas... Aliás, a gente fala "tribos indígenas", né? Nem falamos em povos indígenas, é tribo mesmo que a gente fala... parece assim: tem o mundo da cidade, e aí a gente até reconhece uma certa diversidade dentro do próprio país, as tradições de cada região, norte, nordeste. Mas, quando falamos indígenas, é tudo uma coisa só... tem as cidades... e a tribo! Como você já me explicou de outra vez, tribo é uma palavra que carrega o preconceito e implicação de atraso, de vida selvagem e primitiva, quanta ignorância!

- Por isso é tão importante conhecer sobre os mundos indígenas, reconhecer sua diversidade, dar voz a eles para que possam nos apresentar seus mundos nos seus próprios termos... já passou da hora de aprendermos outras narrativas que contemplem o ponto de vista indígena!

- Sim, agora eu acho que entendi por que escolheram na exposição não traduzir os mundos que nos foram apresentados... Acho que a ideia aí era também causar impacto, até mesmo estranheza, né? Para que o visitante perceba a diferença entre cada um destes mundos e também entre estes mundos e o nosso! Eu reparei, por exemplo, que as tangas femininas e várias outras peças ye'kwana são feitas de miçanga. Mas a miçanga ali, apesar de ser a mesma miçanga fabricada pelos brancos, ganha outro sentido... ou estou errada? As miçangas são usadas para fazer aqueles desenhos nas tangas, deve ter algum significado, né? É tradicional, porque é algo do mundo deles, mas é usando algo inventado pelos brancos... é tradicional, mas é moderno!

- De certa forma, é a mesma velha ideologia assimilacionista vestida de roupa nova. Muita gente diz assim: "Ah, mas eles não são puros, eles usam miçangas, não usam sementes". Você percebeu como a miçanga tem um valor completamente distinto para os ye'kwana? Ela é apropriada por eles e ressignificada. Na verdade, os sábios ye'kwana dizem que foi o criador ye'kwana que inventou a miçanga e deu aos brancos, para que a fabricassem.

Mas essa é uma outra conversa....

- Tá vendo? Isso que eu disse! Eu saí de lá querendo saber mais sobre estes cinco mundos!

- Você acha que seria possível apresentar cada um dos cinco mundos na sua completude em uma única exposição?

- Acho que não, né...

- Por isso mesmo cada curador indígena escolheu uma ideia, um conceito para falar um pouquinho sobre seus mundos. E eu diria que todos foram muito inteligentes, porque escolheram bem. Se todos os visitantes saírem da exposição com essa curiosidade e vontade de saber mais, como aconteceu com você, isso é maravilhoso! Como eu disse, querer aprender mais é reconhecer nossa ignorância, reconhecer o quão pouco sabemos sobre estes mundos tão complexos que comumente são reduzidos a ideias completamente estereotipadas sobre quem são e como vivem os povos indígenas.

- Eu já visitei outros museus com exposições de peças indígenas, mas achei o Espaço do Conhecimento muito diferente! Não são apenas objetos expostos, não são apenas “coisas” que estão ali... Porque a gente não pode conhecer um mundo em profundidade só através de seus objetos, não é?

- Isso mesmo! Davi Kopenawa, um dos curadores yanomami da exposição, diz que nós, os brancos, somos o povo da mercadoria. Temos obsessão com coisas, com objetos! Os antigos museus, de certa forma, resultam dessa obsessão com as “coisas” – é o chamado colecionismo de museu! Mas as coisas não falam por si mesmas! Não se pode contar a história de um povo, não se pode aprender sobre o conhecimento profundo de cada mundo, apenas através dos objetos... Aliás, o que se entende por “objeto” nestes mundos não necessariamente é a mesma coisa que nós entendemos! Não são coisas que podem ser entendidas como separadas das pessoas e das relações entre as pessoas... as coisas têm vida! Estão cheias de vida e de significados!

- Sim... eu acho que isso foi muito forte na exposição. Coisas, sons, imagens, cheiros... Poder vestir uma máscara maxakali e virar outro, imagina! Como eles explicam, as máscaras tem o poder de transformar! Senti que estava entrando mesmo numa aldeia, num lugar diferente, que me convidava, “olha, vem cá ver um outro mundo, ou vem cá ver esse mundo de outro jeito”. A exposição era assim, viva!

- Acho que é disso mesmo que se trata... De experimentar um pouquinho dessa força e dessas vitalidades dos mundos indígenas!